

TEXTOS CRÍTICOS
/CRITICAL ESSAYS/

HELOISA CROCCO

HELOISA CROCCO: ARTE COMO ATO DE VIDA

Paula Ramos

Existem diversas formas de interpretar e de vivenciar o binômio arte-vida, nodal na produção artística moderna e, sobretudo, na contemporânea. No princípio do século XX, por exemplo, artistas como Piet Mondrian (1872-1944), Theo van Doesburg (1883-1931) e Vladimir Tatlin (1885-1953) pregavam a dissolução das formas de representação ilusionista e a confiança em uma arte voltada ao cotidiano, que exercesse um impacto mais concreto sobre a sociedade. Já nas décadas de 1960 e 70, os integrantes do grupo Fluxus, bem como nomes como John Cage (1912-1992), Merce Cunningham (1919-2009), Joseph Beuys (1921-1986) e Yves Klein (1928-1962) defendiam que a própria vida deveria ser experienciada como arte, embaralhando o entendimento generalizado sobre os termos e, por extensão, a idéia tradicional em torno do papel do artista. Heloisa Crocco (Porto Alegre, 1949), artista e designer sul-rio-grandense, também tem um modo especial de conceber essa expressão. Apresentá-lo é o objetivo do livro *Heloisa Crocco: Topomorfose* (Porto Alegre: Editora Paiol, 2010), um sensível ensaio poético-visual que contempla o processo criativo da artista, há mais de 20 anos calcado nas possibilidades expressivas, simbólicas e formais dos veios da madeira.

Formada em Desenho pela UFRGS em 1970, Heloisa desde cedo enveredou pela área das artes aplicadas e do design, trabalhando inicialmente com arte têxtil e tendo como mestres Zoravia Bettiol e a alemã Elisabeth Rosenfeld. O desenvolvimento de uma linguagem mais pessoal, ela passou a conquistar em 1986, quando, pela primeira vez em visita à Floresta Amazônica, deparou-se com os desenhos naturalmente presentes em troncos de árvores cortados em topo. Surpresa e sensibilizada, passou a investigá-los e a explorá-los como motivo para o seu trabalho. Nascia, então, o projeto Topomorfose. Na publicação que acaba de ser lançada, o artista plástico José Alberto Nemer, doutor em Artes Plásticas, especialista em cultura popular, mentor do projeto e, acima de tudo, amigo e admirador de Heloisa, indica o sentido da própria expressão: topos, de lugar, entranhas; morphe, relacionado à forma que sempre houve e haverá; no cruzamento, topomorfose, palavra que, nesse caso, pode ser compreendida como a expressão digital da natureza.

É a partir das linhas e texturas lenhosas e dos ritmos estabelecidos pela justaposição das mesmas que Heloisa desenvolve painéis com marcante influência da linguagem concretista, bem como matrizes, aplicadas como design de superfície em louças, tecidos e papéis. Esses trabalhos já lhe valeram importantes distinções, como o Prêmio de Design do Museu da Casa Brasileira (São Paulo, SP, 1994) e o do Salão Nacional de Arte do Museu da Pampulha (Belo Horizonte, MG, 2000). Vale comentar que, em muitas dessas obras, pulsam não somente os veios das madeiras utilizadas, ou a “víscera que se revela” – uma vez mais nas palavras de Nemer –, mas padrões que remetem aos trançados presentes na cestaria e na tecelagem indígenas. Talvez sejam os ecos de seu envolvimento contínuo, como consultora, com o segmento do artesanato, pelo qual, inclusive, é reconhecida em âmbito nacional e internacional.

Operando simultânea e indistintamente com artes visuais, design e o citado artesanato, Heloisa Crocco faz com que as áreas se alimentem umas das outras, sempre a partir da exuberante natureza e sem jamais abrir mão do rigor formal, do pragmatismo na utilização da matéria-prima, do respeito à flora e de uma certa austeridade cromática. A simplicidade e clareza com que estabelece tais tessituras reverberam em tudo o que faz. Também por isso concebe suas rotinas como possibilidades permanentes de criação e de aplicação desses propósitos. Nesse sentido, chama a atenção o seu estúdio, especialmente projetado pelo arquiteto Trajano Silva. No cubo minimalista de pinus, estão o ateliê, o escritório, uma pequena galeria, e até mesmo uma área mais pessoal, na qual a artista montou a estrutura mínima de uma moradia. Quase tudo, ali, vem da madeira reflorestada ou reaproveitada; quase tudo, ali, orbita entre os marrons e os beges; quase tudo, ali, vem

da natureza e a ela remete. Coerência, portanto, parece ser a palavra-chave quando observamos a produção e o micro-cosmos da artista, assim como coerência é o que emana de Topomorfose, convencional apenas no formato de livro.

O grande diferencial da publicação está em sua aposta na força das imagens para apresentar o pensamento e a obra de Heloisa. São elas que sugerem as analogias, que conduzem o espectador. De texto, além dos dados técnicos relativos à execução do projeto, encontramos tão somente o sugestivo poema de Nemer, fechando o volume. No projeto gráfico de Marcelo Drummond, à medida que o espectador folheia as páginas, vai sendo tomado pelas precisas e silenciosas fotografias de Fabio del Re, que emergem sem legenda, sem comentário, autônomas no espaço da página. As generosas imagens permitem acompanhar a pesquisa de Topomorfose em suas várias etapas, assim como revelam o trânsito lúdico entre os ambientes em torno da vida e da criação da artista. Elas atestam algo que o grande historiador da arte italiano Giulio Carlo Argan (1909-1992) asseverou sobre o espírito da Bauhaus (1919-1933) e que, de certa forma, também é palpável na trajetória e na postura de Heloisa Crocco: "A arte destinada a repercutir na vida e confundir-se com ela deve nascer como ato de vida".

Paula Ramos

Crítica de arte e professora junto ao Instituto de Artes da UFRGS

Abraham Moles diz que “a função social do artista hoje mudou: de criador de obra única tornou-se essencialmente o promotor de acontecimentos artísticos, seja originais, mas destinados à reprodução, seja permutacionais”. Moles fala de uma economia política da obra de arte, isto é, de uma “adequação total da obra de arte aos fins da sociedade, na medida onde a forma da pirâmide sócio-cultural está em correlação suficientemente forte com o exercício do desejo estético”.

Os trabalhos recentes da Heloisa Crocco têm muito a ver com as ideias de Moles, com as tendências construtivas da arte atual, com o design, e, pasmem, com a ecologia.

Vejamos este último ponto, Cézanne costumava dizer que arte e natureza são duas harmonias paralelas. Não cabe ao artista imitar a natureza, mas inventar a partir dela. Em sua luta contra o hedonismo impressionista, Cézanne buscou o permanente da natureza, suas leis internas.

Em seus trabalhos recentes, que ficam na fronteira entre arte e design, Crocco vai direto ao coração da matéria, encarando a madeira não como receptáculo de imagem ou signos externos.

Trabalha o topo da madeira, ou esta como topos, revelando sua topografia interna e, assim, criando, a partir da morfogênese da madeira

– veios, cores, relevos – e das interferências que nela vai fazendo, tais como cortes, texturas e relevos, um conjunto de ritmos e estruturas que resultam numa espécie de toporama formal.

E ao revelar e interferir nestes ritmos internos da madeira, ao mesmo tempo que rompe com toda a tradição figurativa ou narrativa da arte, abre novas perspectivas no sentido de um relacionamento mais correto e inteligente com a natureza, escapando, assim, das armadilhas de uma prática ecológica que resvala quase sempre para a pieguice e para o panfleto demagógico. O que ela vem realizando, em última análise, é reeducar o nosso olhar em relação a natureza, trazendo para o campo dos objetos utilitários, para o meio formal, para o nosso cotidiano, enfim, o estrutural

l básico da natureza. Com seus novos patterns, cria relações até então insuspeitas com a arte construtiva e até mesmo com arte popular indígena.

De fato ao recriar estes ritmos internos da natureza, via madeira, transformando-os em algoritmos de estruturas sempre surpreendentes por sua beleza formal, ao jogar com estes padrões em estruturas permutacionais – op-art, arte cinética – criando jogos de combinatória visual, que resultam em configurações diversas, múltiplas, num caso e noutro, permitindo a transposição e reprodutibilidade em diversos outros suportes – papel, tecido, vidro, plástico – Heloisa Crocco insere-se nisto que Moles chama de estética informacional, a única, no seu entender, capaz de atender às necessidades estéticas de uma sociedade tecnológica e de massa.

Porque, sem negar a natureza, que lhe serve de base, e mais do que isto, preservando-a enquanto tempo especulativo e estético, Heloisa Crocco não se aliena da realidade do mundo atual.

Frederico Moraes

Crítico e historiador de arte